



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	Análise de realizações variáveis de vogais tônicas em Porto Alegre (RS): uma abordagem integrada de Fonética e Fonologia
<b>Autor</b>	SAMUEL GOMES DE OLIVEIRA
<b>Orientador</b>	ELISA BATTISTI

Tendo como objeto de estudo as realizações variáveis de vogais tônicas (*né~néah*, *aí~aíah*, *tudo~tuahdo*) no falar de Porto Alegre (RS), que constantemente estão presentes na concepção estereotipada da fala portoalegrense, recorreu-se inicialmente à proposta de Bisol (1989, 1994, 2012) sobre a existência de verdadeiros e falsos ditongos em português. A realização variável estudada se enquadraria, de acordo com Bisol, no conceito de ditongos falsos, tendo representação subjacente monofonêmica.

A oitiva de entrevistas sociolinguísticas do VARSUL de Porto Alegre (BATTISTI, no prelo) revela que o processo de ditongação não é a ditongação assimilatória de Bisol, tendo em vista a falta de restrições encontradas para o surgimento do processo, que parece não depender dos sons seguintes ou precedentes. Sendo assim, as realizações são categorizadas como *ingliding*, que, conforme Clements e Hertz (1996), consiste em uma mudança na qualidade da vogal (centralização) não resultante de coarticulação.

Com o objetivo de comprovar o *ingliding* percebido de oitiva e verificar se ele se relaciona a alongamento vocálico, dados de uma falante prototípica, coletados de uma palestra ocorrida na UFRGS em maio de 2013 com um gravador digital GH-609, foram submetidos à análise acústica com o software PRAAT, após terem sido segmentados com o programa Sound Forge 9. Para a análise acústica, foram selecionadas vogais tônicas com obstruintes nas bordas, tendo em vista melhor operacionalidade e clareza no espectrograma desses contextos no PRAAT. Assim, foram analisadas 376 vogais tônicas, segmentadas de 21,5 minutos de fala.

A análise, que envolveu a medida de duração em milissegundos e de F2 em Hertz das vogais, confirmou mudança significativa de padrões formânticos (F2 inicial e F2 final) em contextos que, por oitiva, foram percebidos como ditongados, além de atestar a maior duração dos contextos percebidos como alongados. Para comparação, obteve-se um valor de referência através do cálculo da média de F2 e de duração de vogais que não sofrem *ingliding* e não são alongadas pela falante prototípica.

Alongamento vocálico e *ingliding* são, portanto, processos que podem ou não ocorrer com seis das sete vogais do português, sendo a vogal /a/ a única que não sofre *ingliding*, apenas alongamento. Além de mostrar que os contextos em que há *ingliding* também possuem alongamento vocálico, salvo poucas exceções, a análise acústica possibilita uma abordagem integrada de Fonética e Fonologia, nos moldes de Clements e Hertz (1996), para os processos estudados.

Ao que tudo indica, tanto o alongamento vocálico quanto o *ingliding* derivam da organização prosódica, rítmica, da língua: ocorrem no final de frase fonológica ou de enunciado. O alongamento vocálico parece ser o gatilho da regra que produz o *ingliding*, já que ambos ocorrem juntos na maioria das vezes. Contudo, o *ingliding* pode, excepcionalmente, ocorrer em vogais curtas do português, como se verificou nos dados. A realização futura de entrevistas sociolinguísticas em Porto Alegre junto à equipe de pesquisa e a análise de regra variável do processo como marcador social (compõe um estilo) possibilitarão testar essas hipóteses e assim fornecer os esclarecimentos necessários.